

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte A Tribuna Class.: Índios / Propri. Intelectual  
 Data 20/08/84 Pg.: 191004

## A astronomia dos índios

Wilson Marini

Em meio aos sofisticados laboratórios de física da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) a sala do professor Márcio Dolne Campos se transformou nos últimos três anos num repositório de documentos sobre a astronomia praticada por indígenas do mundo inteiro, inclusive do Brasil. Dolne Campos não se incomoda com os que se surpreendem com a estranha inserção de um físico num campo de privilégio dos cientistas sociais. Ele está mais interessado em desenvolver estudos de etnoastronomia, uma área pouquíssima pesquisada no país, mas de muito interesse nos EUA, por exemplo.

Dolne Campos está reunindo fotos, mapas e alguns objetos, para demonstrar como os índios brasileiros e algumas culturas fechadas, como caiçaras da ilha de Búzios, em Ilhabela, no litoral paulista, entendem o mundo, o céu e o tempo.

Na sociedade dos caiçaras, por exemplo, o pesquisador descobriu a lenda da "pedra de raio", uma pedra que cai na atmosfera, enterrando-se no chão sete braços, para subir a superfície sete anos depois. A pedra cósmica pode ser amarrada a um fio de pesca, lançada ao fogo, que sai vermelha de tão quente, mas com a linha intacta. Quem contou a história diz ter ouvido de um amigo, o filho diz que o pai fez a experiência, mas ninguém ousa colocar em xeque a lenda. Assim é muitas vezes na sala de aula, como costuma dizer Dolne Campos aos seus alunos da disciplina Física e Sociedade. "O professor repete as teorias prontas, porque Galileu já fez os testes, e passa a coisa para a frente".

Nesse núcleo ainda não visitado por turistas, onde vivem 250 caiçaras que têm no rádio de pilhas o único contato com a civilização, Dolne Campos descobriu que as pessoas acreditam no geocentrismo — a terra como centro do universo e o sol circulando em torno dela. E da mesma forma que tribos indígenas, o calendário é o mais natural possível, baseado nos pontos onde o sol nasce e se põe, ao longo do horizonte. Também entre os indígenas brasileiros, sabe-se que muitos se orientam pela posição de determinadas estrelas, 40 minutos antes ou 40 minutos depois do pôr-do-sol. Com o

céu relativamente ofuscado pelo brilho dos raios solares, essas estrelas brilhantes conseguem se destacar no céu, cada dia num ponto diferente. A pesquisadora Bruna Franchetti do Museu Nacional do Rio de Janeiro, chegou a elaborar um calendário anual de observação dos índios Kuikuru, do Alto Xingu. Em janeiro, eles olham para a estrela altari — é o mês de muita chuva. Quando aparecem as estrelas "plêiades e aldebaran", entre maio e julho, é o período de grande seca, e a oportunidade de pesca abundante com a diminuição do nível das águas.

Entre os índios do Brasil Central, as estrelas Alfa e Beta da constelação de Centauro são os olhos da onça visualizada por eles no fundo negro do céu — uma forma diferente de formar imagens, a partir das manchas claras e escuras do infinito.

A Universidade de Los Andes, da Colômbia, e o planetário de Bogotá, estão interessados em pesquisar a etnoastronomia na divisa do Amazonas. "O potencial de estudos desse campo no Brasil ainda não foi considerado", afirma Dolne Campos. Existem apenas algumas iniciativas isoladas, como a do antropólogo Curt Nimuendaju, que pesquisou os apinaye, na confluência do Araguaia com o Tocantins. Ali, em todo início de primavera, o conselheiro da tribo se coloca entre as duas metades da tribo e transfere uma bola de borracha do grupo situado ao norte para o sul, e ao mesmo tempo em que o sol faz o mesmo movimento, se encaminhando para a mudança de posição na nova estação.